

Não Inclusão Educacional: Um Problema Estratégico

Luís Sérgio Lico

Brasil, país do futuro. Berço das novas matrizes energéticas e tecnologias de ponta. Inúmeras ilhas de excelência e cidades-pólo, clusters de avanço e modernidade. Há aqui um evidente contra-senso. Alguém se esqueceu de fazer a média: uma classe não evolui pelo ritmo dos mais avançados e sim dos mais lerdos. Segundo alguns sites especializados em Educação a coisa anda de mal a pior. Não somente pelo descaso das almas que devem gerir e planejar a *res publica*, mas porque elas mesmas são tão ignorantes e utilitaristas como o resto da matilha. Coisa medonha. Mas, não é o fundo do poço. O final da fila é dobrando a esquina do atraso e ninguém está nem aí. Pode apostar.

Dúvidas cartesianamente? Então sinta que lá vem a história: Vemos por aí discursografias “inclusivas”. Gente preocupada com trazer e levar a “cidadania” aos despossuídos; *Oenegês* (não fala *ongue* que eles mordem!) recebendo repasses em ações nebulosas. Algumas iniciativas são quase sérias, as outras todas se beneficiam das beiradas nada desprezíveis do poder. Mas, devagar a carroça vai andando. Já consta na pauta a inclusão telefônica, a televisiva, a energética. Os automóveis seguem nessa direção; as geladeiras, os fogões e microondas idem; o gás e o metanol ibidem. Imagino o quanto de matéria-prima e energia serão necessários para atender todas as classes sociais que agora precisam adquirir um padrão “médio” de consumo. Haja planeta! Mas isto não importa, pois a crença na ciência dará um jeito nos resíduos e coisa e tal. O que não anda mesmo é a Educação, parece que essa inclusão vai ser a mais difícil de todas. Mesmo porque, *a priori* não interessa. Isto é um problemão: como comunicar algo a quem não entende? Como avançar sem capacitação e respeito ao educador presencial? Como obter a qualidade necessária?

As aparências mais uma vez mentem. Claro, afinal a lógica dos indicadores não tem relação nenhuma com verdade, apenas validade. Vamos mais uma vez, contra os magos das Kpis. Veja só: Existem hoje, mais pessoas frequentando uma sala de aula. Um gráfico ou uma “pizza” em Excel apontaria uma evolução. Um especialista falaria em *tendência*. Naturalmente houve avanços e recuperações, mas o que de sólido sustenta estas ações? Quando teremos uma medalhinha numa olimpíada internacional de matemática? O problema é que sentar pessoas em carteiras escolares não resolve nada.

Estatísticas e resultados de exames de aferição da qualidade do ensino e de aprendizagem são lastimáveis. Incluem-se a filosofia e a sociologia, como matérias obrigatórias, cogita-se até na divina música. Mas quem está dando aula é um professor que não tem formação específica ou nem sequer existe a oferta destas disciplinas (ou componentes curriculares). Os sociólogos estão trabalhando de garçons e os filósofos de coveiros; em São Paulo os engenheiros há muito já viraram suco. Vejam o que dizem alguns dados singelos, que podemos encontrar por aí:

- 33,11% dos alunos da rede pública paulista chegam a 6ª série sem saber ler.
- Pior: destes, 28,6% não sabem escrever.
- 59,44% desses alunos lêem, mas não entendem o que está escrito.
- Apenas 16,96% dos estabelecimentos de ensino possuem um laboratório de ciências.
- Só existem Bibliotecas em 44,63% das escolas.
- 68,22% das unidades não têm acesso à Internet.
- 70% não dispõem de salas de TV e vídeo.
- Em recente prova de avaliação professores tiraram nota 2,0 e matemática.



Se na “locomotiva” do País ocorre esta situação, imagine no Amapá! Até escuto a gritaria dos cegos do castelo, estes incorrigíveis otimistas: Você não pode generalizar! É um caso pontual! Nunca antes na história deste País! Os professores não precisam ganhar mais para oferecer melhor formação aos alunos! Nananina, cara-pálida. De que mundo você vem? Vamos ao popular: Se você não assina a imprensa marrom, não tem acompanhado as últimas notícias, dê uma olhada no bem que têm feito ao povo as políticas de *bem-estar-bolsa-familiares*, sem o link com a escola...

Em recente pesquisa (2007) realizada pelo instituto Ipsos, a Pulso Brasil, revelou que o descalabro é também geográfico. Perdemos totalmente o senso de direção! Abriram um mapa-múndi para mil pessoas (ou cidadãos, como queiram). Todas elas dentro das 9 principais regiões metropolitanas do Brasil. Confira o Febeapá:

- 84% não sabem onde fica a Argentina. Para alguns, 2%, fica na Austrália.
- 82% não sabem onde ficam os Estados Unidos. Para 4%, ficam na Rússia.
- 97% não localizam a França corretamente. 3% a encontraram na Groenlândia.
- O Japão é desconhecido por 92% dos pesquisados. A Austrália é a terra do sol nascente!
- O Impressionante: 50% não sabem onde fica o Brasil! Para 2%, fica no Congo (África).
- 10% com ensino superior (completo ou não) não localizam o Brasil na América do Sul.

Como dizem os hoaxes por aí: *o sero mano* tem uma missão neste mundo... Ninguém merece! Eu mesmo me desespero ao corrigir trabalhos de pós-graduação, onde impera a mecânica *ctrl c + ctrl v*. Ficamos na dúvida: penúria cultural ou analfabetismo funcional? É um problema social? Claro que não: É Pedagógico. Eis a única medicina! Não querem tomar o remédio, preferem o meu rolex? Então cana! Tolerância zero: Obrigatoriedade de estudo até o nível secundário. *Quiéisso* vão dizer: e os direitos da pessoa? Num continente onde inexistente o valor do trabalho, nada mais justo que o Estado cuidar de tudo. Mesmo que cuide mal. Pois é. Se para “estar” (cuidado eles gostam!) no poder não é preciso ter estudado, apenas ter sido retórico, então a vaca não desatola *jamás!*

Imagino como são inúteis e estéreis as discussões sobre topologias do saber, nas academias filosóficas, com suas greves “históricas” de mentira, ocupação de reitorias e baldes contra goteiras no chão. E recordo, uma vez que fui fazer um concurso e a hora-aula para um mestre girava em torno de 8 *merréis* (um catador de latas, perdão: *homeless*, ganha mais por hora). Outra coisa: antes uma palavra abalava o mundo. Hoje fale o que quiser: ninguém está nem aí. Fim da dúvida hiperbólica e entrada na realidade “de mercado”. Sai de cena o mestre-escola e entra o “multiplicador”, o “facilitador”, assim derivamos uma saída para acabar com a atividade-fim e terceirizamos todos os meios! Tem doutor por aí reformulando o Lattes para manter-se empregado e chamamos isto, eufemisticamente de “desemprego intelectual”. Tome lá!

Como sou solidário aos que lutam para ensinar e para formar! Tanto esforço e dedicação, tantas pregações no deserto. Mas, a população só quer saber de consumo: como dizia acima, os ipsilones acordaram. Mas, em lugar de *soma*, querem celular, devedê, carro flex, Tv de plasma, futebol, férias, sexo, cerveja e churrasco. Chega de conhecimento, o barato é capoeira, jograis, danças circulares, funk, rap e dinâmicas de grupo. Querem também a extinção de alguns deveres: Contribuir, reciclar ou cooperar. Dizem as más línguas, que depois de sair de um período de internação forçada em uma faculdade, os jornalistas, advogados, economistas, médicos e outros profissionais do palpite, somente lêem livros de auto-ajuda. Dizem também, que um paraguaio médio lê, em média, dois livros por ano, enquanto o brasileiro lê, apenas, 0,8 livros por ano. Eles se vingaram da tríplice aliança! Inverteram paradigmas: agora é possível não comunicar!



Em minha agenda oculta, sempre tenho escrito a favor da inclusão laboral. Explico: antes dos 20 e depois dos 40, você é invisível. Ninguém te ama. Ninguém te quer. Empregar, muito menos! Alguém sabe o que é ficar 10 horas aguardando atribuição de aulas? Muitos migraram para o telemarketing. Mas preciso rever minhas impressões. Verdade que o preconceito menor medeia os subsistemas, e sempre se “está fora de perfil” no altar dos deuses das competências. Mas, uma coisa é certa e explica o contra senso: A maioria das empresas está às voltas com a falta de profissionais qualificados para preencher seus quadros. Reclamam e se desesperam. Criam “universidades corporativas” e nivelam o saber apenas ao nível de suas especificidades operativas.

Já que o papo é topográfico estamos bem aqui, onde porca torce o rabo. Não há saídas quando a má vontade se encontra com a corrupção. Afinal, se arrecadam bilhões com a retaliação federal ao fim do imposto da saúde, e ainda querem mais tributos para alimentar os cofres das campanhas. Enquanto isso, as pessoas comem no chão dos hospitais e não há vagas nas escolas. A Educação é espancada diariamente pelas ignorâncias internas e externas. O ataque vem da parte de quem ensina e também de quem aprende. A injúria continua pela mão dos que determinam as regras, ou a elas se opõe. No fogo-cruzado das análises 360°, abatemos o fluxo das consciências e regulamentamos o inominável. Há mandatos demais que atravessam todas as instâncias, deixando ficar apenas o joio. Agimos agora ou será do jeito que nos disseram antes: *Não verás País nenhum!*

Falo sério, mas o cético atual não se comove nem com aquilo que lhe aparece. Aliás, ele pode ser também analfabeto! Não que tivesse deixado de crer, apenas não entendeu a questão! Pior que este, só o pragmático e sua necessidade infinita de mais resultados: mais por menos e o planeta afunda. A Educação poderia oferecer respostas sustentáveis, mas para isso é necessário – além da gestão do conhecimento – manter uma atitude ética e positiva. O problema estratégico é determinar quais os níveis de solidez funcional que poderão estabilizar o nível destas demandas, proporcionando acesso irrestrito a uma formação plena. Caso contrário, as distorções diminuirão a envergadura de todas as nossas melhores plataformas e em vez de mapearmos as possibilidades de desenvolvimento, desenhando nossa posição futura, continuaremos a explicar os fundamentos do vôo das galinhas.